



## LÍNGUA: UMA FACA DE DOIS GUMES\*

## LANGUAGE: A DOUBLE-EDGED SWORD

Marco Túlio de Urzêda Freitas\*\*

**RESUMO:** Neste texto, apresento algumas reflexões sobre “língua”. Afinal, o que é língua? Por que as pessoas deveriam levar a língua mais a sério? Como a língua se relaciona com a cultura, a política, a história, o corpo e as identidades? Como a língua se relaciona com o mundo? Qual o papel da língua em nossas vidas? A minha conclusão é que a língua é uma “faca de dois gumes”: ela tem o poder de incluir e excluir, de aceitar e resistir, de oprimir e libertar. Em outras palavras, a língua não apenas comunica e descreve situações cotidianas: ela produz ações em âmbito social.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua; cultura; política; história; discurso; identidades.

**ABSTRACT:** In this text, I present some reflections about “language”. After all, what is language? Why should people take language more seriously? How does language relate to culture, politics, history, the body, and identities? How does language relate to the world? What is the role of language in our lives? My conclusion is that language is a “double-edged sword”: it has the power to include and exclude, to accept and resist, to oppress and liberate. In other words, language does not only communicate or describe everyday situations: it acts in the social order.

**KEYWORDS:** language; culture; politics; history; discourse; identities.

*Como o desejo, a língua rompe, recusa-se a ser encerrada em fronteiras. Ela fala contra a nossa vontade por meio de palavras e pensamentos que se intrometem e até mesmo violam os mais íntimos espaços da mente e do corpo.*

(bell hooks, 1994, p. 167, tradução minha)

---

\* Optei por escrever este ensaio em uma variedade mais coloquial por dois motivos: em primeiro lugar, para deslocar a produção acadêmica para além dos muros da universidade, possibilitando o acesso de pessoas acadêmicas e não-acadêmicas às reflexões apresentadas; e, em segundo lugar, para subverter o caráter hegemônico da escrita acadêmica, especialmente daquela utilizada por estudiosos/as da língua(gem), com o intuito de legitimar o uso de formas/estilos alternativos de produção e divulgação de conhecimentos. Agradeço às/aos professoras/es Rosane Rocha Pessoa, Karla Avanço, Tânia Ferreira Rezende, Mário Martins Neves Júnior e Sinval Martins de Souza Filho pelo apoio a essa iniciativa, bem como pela cuidadosa leitura do texto e pelas contribuições feitas para a produção da versão final.

\*\* Mestrando em Estudos Linguísticos e Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Contato: [marcotulioufcultura@gmail.com](mailto:marcotulioufcultura@gmail.com)



Já cansei de perder a paciência com gente que não quer falar sobre língua. A maioria das pessoas sempre diz: “Pra quê falar sobre língua? Língua é língua, uai! Todo mundo fala uma língua e ponto!” A discussão sempre termina assim. Mas eu acho que as pessoas deveriam pensar e falar mais sobre língua. As pessoas deveriam levar a língua mais a sério. Sabe por quê?

Em primeiro lugar, todo mundo tem (pelo menos) uma língua, certo? Então, se todo mundo tem uma língua, a língua faz parte da vida das pessoas. E, se a gente acredita que a língua faz parte da vida das pessoas, a gente vai ter de acreditar que a vida dessas pessoas e a/s língua/s que elas usam mantêm uma relação. Tudo bem, eu sei que isso é complicado de entender, mas eu vou explicar. As pessoas normalmente pensam e se comportam de maneiras diferentes, não é? Então, isso acontece porque as pessoas têm culturas diferentes. E a cultura muitas vezes “determina” o que as pessoas pensam e como elas agem sobre a vida. Quer dizer, então, que a cultura cria valores? Exatamente! E esses valores são criados por meio de quê mesmo? Isso: da língua! A língua faz muita coisa na cultura. E, se a cultura é parente da língua, a língua também é parente da cultura. Mas não interessa saber quem veio primeiro, se foi a cultura que fez a língua ou se foi a língua que fez a cultura. O importante é saber que as duas mantêm uma relação. Acho até que isso já foi dito por um pesquisador chamado Edward Sapir.

Mas é bom também a gente saber que a língua tem outros parentes além da cultura. A política é um deles. Nossa, mas como a língua gosta dessa tal de política! Ou será que você nunca ouviu um/a brasileiro/a dizer que não sabe falar português direito? Pode uma coisa dessas?! Eu fico indignado com isso. E o pior é que a pessoa fala que não sabe falar português direito falando português. Não é estranho?! Mas tem outra coisa que também me deixa indignado. Como sou professor de inglês, vira e mexe alguém me pergunta: “Que inglês você fala, o americano ou o britânico?” Mas nunca achei ninguém pra me perguntar: “Que inglês você fala, o indiano ou o nigeriano?” Também nunca achei ninguém pra me perguntar se tenho um sotaque abasileirado por ter aprendido inglês no Brasil. Aliás, o que muitas pessoas fazem é tentar escapar ao máximo do sotaque brasileiro e dos traços da língua portuguesa quando elas usam o inglês.



No caso do português do Brasil, a pessoa diz que não sabe falar a própria língua porque ela aprendeu que “língua” é “gramática normativa”. O indivíduo acha que “falar direito” é seguir à risca aquelas regrinhas que quase ninguém sabe usar direito e que absolutamente ninguém usa o tempo inteiro. E outra, num mundo marcado pela desigualdade, quem é que representa a “fala ruim”? Quem é que representa aquela fala que não está registrada no corpo da deusa “Gramática Normativa”? Isso: as pessoas mais pobres! São as pessoas mais pobres que representam o “falar ruim”, o “falar feio”, o “falar do burro”, o falar daquele/a que não sabe falar. E qual é a conclusão disso? A conclusão é que, se você “fala mal”, você é ou tem grandes chances de parecer ou ficar o quê? Uma pessoa mais pobre! Eu não preciso dizer que tudo isso divide ainda mais o que já está dividido, não é?! Também não preciso dizer que essa divisão do “falar bem” e “falar mal” deixa muitas pessoas do lado de fora de muita coisa importante, não é?! Afinal, as decisões mais importantes do Brasil são tomadas por quem mesmo? Isso: por quem “fala bem”! Quem “fala mal” não tem a menor chance. Infelizmente, a realidade é essa, como já disse algumas vezes um estudioso chamado Marcos Bagno. E poucos/as são aqueles/as que se importam com essa realidade. Aliás, poucos/as são aqueles/as que já se deram conta de que o Brasil não é mais uma colônia de Portugal e que nós, brasileiros/as, sabemos, sim, usar a “língua do colonizador” de formas diversas, autênticas e muito criativas.

Esses dias mesmo teve uma polêmica do tamanho do mundo sobre um tal livro didático de língua portuguesa que estava “ensinando os/as alunos/as a falar errado na escola”. Gente, o que é isso?! Ensinar a falar errado na escola? Como assim?! Aposto que a maioria das pessoas que falou e/ou que ainda está falando isso nem se deu ao trabalho de abrir o tal livro pra consultar o seu conteúdo na íntegra. Em primeiro lugar, a autora do livro adota uma concepção linguística de “erro”. E é muito importante a gente saber que há várias formas de falar/usar português no Brasil, assim como há várias formas de falar/usar todas as línguas do mundo. Portanto, não há o “errado”. O que há são variedades de maior e menor prestígio. Aí vem aquela história das pessoas mais pobres de que falei antes. Mas ninguém está falando que a escola não deve ensinar a variedade de maior prestígio aos/as alunos/as. Afinal, é essa variedade que vai dar maiores chances pra esses/as alunos/as falarem e serem ouvidos/as na sociedade. É essa variedade que vai dar mais oportunidade



pra esses/as alunos/as “subirem na vida”. Enfim, é essa variedade que, feliz ou infelizmente, para além de bem e mal, vai permitir que esses/as alunos/as participem mais direto e efetivamente da democracia.

Agora, venhamos e convenhamos que a escola também não pode (nem deve!) reforçar o preconceito contra aquelas pessoas que não vão mudar o seu jeito de usar a língua por uma série de razões. É claro que é importante saber a “norma padrão” da língua portuguesa. Mas também é muito importante saber que há outras variedades igualmente legítimas e que precisam ser igualmente respeitadas. É preciso saber que há muitas pessoas que usam e que vão continuar usando essas variedades consideradas inferiores. É preciso saber que essas pessoas vivem, têm direitos e produzem conhecimentos altamente relevantes ao mundo social. E é preciso saber que o jeito de falar dessas pessoas é visto como “errado” e/ou “feio” não porque é de fato, mas porque foi essa a visão criada (diga-se de passagem, convencionalmente) para hierarquizar os/as falantes colonizados/as da língua portuguesa. Na minha opinião, essas são algumas das questões que a autora do tal livro estava tentando levantar e que muita gente não entendeu direito.

Já no caso do inglês, a história é um pouco diferente, mas só um pouco, porque, no fundo, é praticamente a mesma coisa: as pessoas querem estar mais próximas do sucesso, da beleza, do “desenvolvimento”, ainda que tudo isso não passe de uma grande ilusão. Na verdade, o que uma pessoa quer saber quando ela me pergunta se eu falo o inglês americano ou o inglês britânico? Então, é a mesma coisa do português: ela quer saber se eu “falo bem” ou “falo mal”, se eu “falo bonito” ou “falo feio”. Será que ela sabe que o inglês é falado como língua oficial na Índia e na Nigéria? Eu duvido! Sabe por quê? Porque esses países, tal como as pessoas mais pobres no Brasil e o próprio Brasil, que ainda “depende” da língua de Portugal pra “falar bonito”, representam o que é feio, o que é sujo, o que é errado. Esses países representam o que “não deu certo”. Então, por que achar que os/as indianos/as e os/as nigerianos/as falam uma língua tão “maravilhosa” e “bem-sucedida” como o inglês? As pessoas ainda não aprenderam a estudar história. Quase ninguém estuda história. E, se quase ninguém estuda história, quase ninguém sabe o que está por trás e/ou além da língua. Simples assim.





No que diz respeito aos/às professores/as de línguas, essa falta de conhecimento histórico é muito grave. Esses dias, por exemplo, fui obrigado a ouvir um jovem rapaz dizer que precisava voltar aos Estados Unidos pra se tornar um bom professor de inglês. Pode uma coisa dessas?! Eu, particularmente, acho que esse professor presta um grande desserviço ao ensino de línguas no Brasil, porque, sem querer, ele acaba reforçando um monte de idéias lá daquela época da colonização, lembra? Aquelas idéias que quase destruíram os povos e as culturas do sul, entre outros povos e culturas colonizadas. E o Brasil fica onde mesmo? Ao lado dos Estados Unidos? Na Europa? Não: o Brasil fica no sul, meus/minhas amigos/as! Mas será que esse jovem professor sabe disso? Eu tenho as minhas dúvidas. A única coisa que ele quer é “falar” como o tal “falante nativo” dos Estados Unidos. Coitado, deixa ele sonhar que nasceu lá! Bom, porque, pra falar como “falante nativo”, a primeira coisa é: ter nascido no mesmo lugar em que o tal “falante nativo” nasceu. Mas digamos que ele realmente pudesse falar inglês com o sotaque 100% norte-americano... Será que isso bastaria pra ser um bom professor de inglês no Brasil, um país em que diversas *veias abertas da América Latina* se entrecruzam? Ora, mas é claro que não! Afinal, de que adianta “falar como nativo” e não ter consciência do poder de destruição, de resistência e de transformação da “língua do nativo”? Nada! Não adianta de nada!

Tudo isso mostra que a língua é um “instrumento” paradoxal: ela inclui e, ao mesmo tempo, exclui. A língua beija e, ao mesmo tempo, “escarra nessa boca que te beija”, como diria o poeta. E, se a gente considera que a língua faz tudo isso, a gente vai ter de acreditar que a língua tem um poder muito grande. Mas eu não estou falando de um poder com raios e trovões. Eu estou falando de um poder que não tem cor, nem cheiro, nem tamanho físico. Eu estou falando de um poder que a gente não vê direito, porque ele vem e vai calado, não faz escândalo. Um pesquisador chamado Pierre Bourdieu chamou isso de “poder simbólico”. Mas a questão é que, mesmo agindo calado, esse poder faz muita coisa no mundo. Esse poder diz o que é certo e o que é errado, o que é feio e o que é bonito, o que é autorizado e o que é proibido. Esse poder, por incrível que pareça, tem o poder de matar. E ele mata por meio de quê? Da língua! E o que isso significa? Bom, algumas pessoas chamam isso de política. Tomara que Ferdinand de Saussure, Leonard Bloomfield,



Noam Chomsky, entre tantos outros, não me ouçam, mas eu acredito piamente nessas pessoas. Eu acho que essas pessoas estão falando a verdade. Sabe por quê? Porque eu vejo essa política acontecer todos os dias. Mas, como eu já disse, é preciso estudar história pra ver e entender o que acontece por trás e/ou além da língua.

Estudar história também é importante pra gente ver de onde vêm as ideias que as pessoas falam e escrevem, bem como pra entender por que as pessoas lêem os textos e a própria vida de maneiras diferentes. O que permite uma pessoa dizer o que ela diz, escrever o que ela escreve e interpretar um texto, uma situação e/ou um dado valor como ela interpreta? Pra responder a essa pergunta, a gente precisa considerar outro parente da língua: o discurso. Mas o que é o discurso? Grosso modo, o discurso é aquilo que sustenta e, ao mesmo tempo, é sustentado pelas ideologias de uma determinada comunidade ou instituição social. Por exemplo, o que muitas pessoas cristãs pensam sobre as relações homoafetivas? Que essas relações são frutos do pecado, não é isso? Então, mas o que leva muitas pessoas cristãs a pensarem dessa forma? A história, a cultura e... a bíblia! E a bíblia é um texto produzido por meio de quê mesmo? Isso: da língua! A bíblia é um produto linguístico que representa a materialização dos discursos que sustentam e, ao mesmo tempo, são sustentados pela maioria das comunidades e instituições cristãs. A mesma coisa acontece com o jovem professor de inglês do qual falei antes: por que ele acha que precisa voltar aos Estados Unidos pra se tornar um bom professor de inglês no Brasil? Ora, a resposta é muito simples: porque há discursos lá da época da colonização dizendo que, se ele, um brasileiro, quiser ser bom no que faz, ele terá de subir ao norte pra buscar ajuda, ainda que seja pra aprender a fazer o que ele já sabe.

A conclusão disso tudo é que a nossa fala, a nossa escrita e a leitura que a gente faz dos textos e da própria vida mantêm uma relação direta com a história e com a cultura, que são aspectos constituintes e constitutivos do discurso. Em outras palavras, não há discurso sem história e sem cultura. É no discurso que as mais diversas ideologias e práticas sociais encontram respaldo pra continuar existindo. Isso significa que o discurso vai muito além da fala e do texto, pois é ele que autoriza e, de certa forma, guia a produção da língua: é o discurso que diz, por exemplo, quem pode dizer ou escrever o quê, onde e pra quem (essa seria uma boa resposta pra pergunta feita no início do parágrafo anterior). Mas o



interessante é perceber que essa mesma autoridade confere ao discurso o poder de transgredir ideologias que ele mesmo produziu e legitimou. Um pesquisador chamado Norman Fairclough costuma dizer que o discurso pode ser utilizado pra transformar a realidade social. Olha só que maravilha! E, se é o discurso que autoriza e, de certa forma, guia a produção da língua, então é fato que a língua mantém uma relação direta com o discurso e vice-versa. Trocando em miúdos: se o discurso está repleto de ideologias, a língua também está; se o discurso é poder, a língua também é; se as pessoas estão “posicionadas” no discurso, o discurso também está “posicionado” na língua que as pessoas utilizam pra interagir socialmente.

Mas é importante ter consciência de que “interagir socialmente” não significa apenas comunicar ideias, mas também, e principalmente, mostrar quem a gente é por meio da língua ou das línguas que a gente usa. E aqui a nossa discussão desbanca pra outro lado: o das identidades. Língua também é identidade. Mas será que eu não estou falando isso só porque a palavra “identidade” está no ranking das palavras mais usadas hoje em dia? Talvez sim. Talvez não. Eu acho que não, porque, se a língua faz parte da vida das pessoas, é fato que as pessoas mantêm uma relação íntima com a/s língua/s que elas usam. Ora, como não?! Teve uma vez que um aluno indígena falou na lata: “A língua pra mim é uma identidade!” E, se ele falou isso com tanta certeza, é porque é verdade mesmo. As pessoas contam quem elas são e no que elas acreditam por meio da língua. Eu, por exemplo, sou brasileiro por quê? Tudo bem, eu sou brasileiro porque eu nasci e moro no Brasil. Isso é óbvio! Mas eu também sou brasileiro porque eu falo o português brasileiro como primeira língua. O meu aluno é indígena porque ele nasceu e vive numa comunidade indígena, porque ele participa de rituais e manifestações culturais indígenas, porque ele vê o mundo como índio. Mas ele também é indígena porque ele fala o tapirapé como primeira língua. E é assim que a língua toma forma na mente, nas mãos, na boca e no coração das pessoas. A língua é parte da gente. E, se a língua é parte da gente e do mundo em que a gente vive, ela faz parte das nossas identidades.

Por outro lado, dizer que a língua faz parte das nossas identidades significa dizer que a língua também é uma espécie de território. Mas o que seria isso? Território?! Sim, a língua é um território. É um território de valores. É um território de decisões. É um



território de luta. É um território de afirmação. É um território de produção de conhecimentos. Afinal, as pessoas se encontram e se desencontram por meio da língua. As pessoas dizem quem elas são e quem elas não são por meio da língua. As pessoas defendem os seus direitos e cumprem as suas obrigações por meio da língua. As pessoas obedecem e transgridem por meio da língua. Enfim, as pessoas travam batalhas por meio da língua. Ou será que a gente já se esqueceu das lutas indígenas pelo direito ao uso de suas primeiras línguas? Vamos pensar: por que os povos indígenas e outras comunidades etnolinguisticamente minoritárias fazem tanta questão de continuar usando as suas primeiras línguas? A resposta é muito simples: porque esses povos e comunidades querem continuar existindo; porque não tem como realizar e/ou participar de determinadas práticas culturais em outra língua que não seja a sua primeira. E isso mostra o quê? Isso mostra que a língua é um território de encontro do ser com o mundo e vice-versa. A língua é um território de reivindicações e resistências. A língua é um território de vida que anda de braços dados com as identidades.

E tem gente que ainda acha que língua é língua... Pode uma coisa dessas?! Tem gente que insiste em achar que as pessoas usam a língua simplesmente pra se comunicar. E o que a gente pode fazer com a língua?! Isso quase ninguém discute. Eu posso muito bem só dizer que “o gato está na porta da casa”, mas a pergunta é: será que eu não quero nada com isso? Será que eu não estou querendo dizer, por exemplo, que esse tal gato está me atrapalhando e que alguém poderia ou deveria retirá-lo da porta da casa pra eu passar? Eu também posso dizer que “não gosto de gays” ou que “não gosto de cabelos crespos”, mas a questão é: será que eu estou somente contando que eu não gosto de “gays” ou de “cabelos crespos”? Ou será que eu estou produzindo e/ou confirmando uma ideia, um valor, um preconceito que me ensinaram a ter ao longo da vida? Lembra que “língua” e “cultura” são parentes e que a “língua” mantém uma relação direta com o “discurso”, que, por sua vez, não existe fora da “história” e da “cultura”? Pois então, esse é um bom momento pra gente observar essas relações de parentesco. Eu, particularmente, acho que a língua faz muito mais do que descrever as coisas, do que contar que fulano/a está triste por causa de não sei quem. Quando a gente fala, a gente faz! Isso foi o que disse um pesquisador chamado John Austin na segunda metade do século passado. E isso é uma coisa que quase ninguém para





pra pensar, já viu? Por isso as ideias desse pesquisador continuam na moda. Eu já percebi que as pessoas têm medo de virar o século. Mas, pelo jeito, isso faz parte da vida e, claro, da nossa querida ciência.

Pra finalizar, é importante a gente saber que “identidade” e “ação” andam de braços dados no território da “língua”. Tem um pessoal chique por aí que costuma chamar “ação” de “performatividade”, assim como fez o estudioso John Austin. Mas a questão é que, se a gente concorda que “língua é identidade”, a gente também vai ter de concordar que a identidade pode ser muita coisa. Não são só os povos indígenas que têm identidades. Não são só os/as brasileiros/as que têm identidades. A mulher também tem identidades. O homem também tem identidades. As pessoas negras também têm identidades. As pessoas pobres e as pessoas ricas também têm identidades. As pessoas religiosas e não-religiosas também têm identidades. Os gays, as lésbicas, os transexuais etc., também têm identidades. O corpo tem identidades. Nossa, mas tudo tem identidades, então?! Como assim? E agora, como que fica tudo isso no território da língua?

O negócio é que agora a gente precisa ver que, se a língua é identidade, a identidade também é língua. Não dizem por aí que a mulher é diferente do homem? Então, vamos pensar: por que a mulher é diferente do homem? Quem disse isso? Ah, tudo bem, a cultura disse isso. Mas a cultura não é parente da língua? Então, se a cultura é parente da língua e fala que a mulher é diferente do homem, podemos concluir que a identidade “mulher” é formada com a ajuda de quê? Isso: da língua! Pra ficar mais fácil: a língua ajuda a construir a identidade “mulher”. E não é só a identidade “mulher”: a língua ajuda a construir todas as identidades. Mas como? Ué, através da tal “performatividade”. Isso significa dizer que a língua age sobre as nossas vidas. Construir uma identidade significa agir sobre a vida e sobre o corpo, criando e re-criando padrões, comportamentos e subjetividades. Meu pai, por exemplo, vivia me dizendo o que eu deveria fazer e pensar pra ser um homem de verdade. E como que ele fazia isso? Por meio de quê? Isso: por meio da língua! E não era só ele: muita gente falava e fazia a mesma coisa. E eu acabei entendendo que, pra ser “homem”, eu deveria seguir um modelo. Tudo bem que eu não obedeci a todas as regras desse modelo, mas, se as pessoas hoje me olham como “homem”, pode saber que foi por



causa de tudo que o meu pai e toda aquela gente me disse e que eu aprendi. Trocando em miúdos: a língua, entre outras coisas, me fez “homem”.

Todas essas reflexões servem pra mostrar o quê? Que tudo é língua! Ontem mesmo falei isso pra uma professora e ela não concordou muito comigo. Depois, eu fui pensar: mas como não?! Tudo é língua, sim! Tudo bem que o ventilador é um ventilador porque ele não é uma cadeira, um sofá ou um garfo. Isso eu já tinha aprendido com o meu velho amigo Ferdinand de Saussure. A questão é que esse ventilador é ventilador porque ele tem o nome “ventilador”. Mas quem deu esse nome pra ele? Vai lá saber! O que eu sei é que, pra me referir a esse “ventilador”, eu uso a língua. Mas, além disso, as pessoas se comunicam, não é? Então, como elas se comunicam? Não é por meio da língua? Pois então! O rádio, a televisão, a internet... como que a gente interage com essas coisas? Ora, por meio da língua! E pra ofender, o que a gente usa? A língua! E pra pedir desculpas, o que a gente usa? A língua! E pra expressar as nossas opiniões, o que a gente usa? A língua! E pra construir e desconstruir ideias e valores, o que a gente usa? A língua! Então, gente, como que tudo não é língua?!

A língua está na cultura. A língua está na política. A língua está na história. A língua está nas identidades. A língua está no corpo. E, conseqüentemente, a cultura, a política, a história, as identidades e o corpo também estão na língua. Além disso, a língua é território. A língua materializa o discurso. A língua produz e reproduz ideologias. Entendeu agora por que eu acho que as pessoas deveriam levar a língua mais a sério? Porque a língua é uma faca de dois gumes. Porque a língua dá vida e mata. Porque a língua inclui e exclui. Porque a língua constrói e destrói. Porque a língua afirma e nega. Porque a língua aceita e resiste. Porque a língua delimita e expande. Porque a língua oprime e liberta. Enfim, porque a língua jamais é inocente. A língua sempre “quer fazer” alguma coisa no mundo. Mas, pra fazer alguma coisa, ela precisa ser usada. E quem será que vai usar a língua?

## Referências



- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975 [1962].
- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BLOOMFIELD, L. *An introduction to the study of language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1983 [1914].
- BOURDIEU, P. *Language & symbolic power*. Massachusetts, Harvard University Press, 1991.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. New York: Gruyter Mouton, 2002 [1957].
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996 [1970].
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009 [1976].
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, B. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOMES, J. *Sociolinguistics*. (Org.). Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.
- LUFT, C. P. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. São Paulo: Ática, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontos Editores, 2010.
- PENNYCOOK, A. *English and the discourses of colonialism*. Londres: Routledge, 1998.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma Lingüística Crítica: linguagem, identidade, e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Dover Publications, 2004 [1921].

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000 [1916].

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

URZÊDA-FREITAS, M. T. “*A língua tem o poder de apresentar o seu povo*”: reflexões sobre língua, identidade e cultura na era da globalização. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010.